Ultimamente temos visto muitas discussões sobre o papel da inovação tecnológica para o desenvolvimento do país, seus mecanismos de funcionamento e sobretudo sobre o porquê de ser tão difícil a inovação acontecer na vida real, seja na empresa, seja em outros ambientes e, portanto, na cultura brasileira. Seríamos assim, tão conservadores?

Às vezes podemos ser ousados o suficiente para traçar paralelos entre o que acontece na gestão das empresas, que têm como alvo fazer a inovação acontecer e, portanto, alcançar diferencial sustentado, e o que acontece em outras áreas, como por exemplo as artes ou mesmo o gosto pelo requinte. Muitos dos “refinamentos” sociais ou pessoais são frutos de incansáveis tentativas e podem até ser explicados pelo juízo sintético, de Kant, como frutos inequívocos da experiência.

A bossa nova pode parecer um tanto “desafinada”, fazendo alusão à obra de Tom Jobim e Newton Mendonça, mas para um ouvido preparado, aberto à experiência, ela representa uma grande abertura à experimentação, ao inusitado acoplado ao refinamento. No contexto empresarial, situações similares podem ocorrer, quando nos deparamos com mentes abertas à criação e à inovação, porém requerem abertura à experimentação para, então, poderem gerar diferencial competitivo.

Infelizmente, em grande parte do setor empresarial, pessoas criativas são normalmente vistas como acordes dissonantes. Seus questionamentos são refutados, pois parecem ser originados de devaneios. Suas ideias não são consonantes, pois causam desconforto aos ouvidos tradicionais. O crescimento lhes é negado, pois não têm o perfil julgado necessário. Ainda não se percebe a complexidade do pensamento humano e, portanto, não há preparo para lidar com os problemas mais atuais, que adquirem cada vez mais um caráter interdisciplinar, complexo, onde as áreas do conhecimento se mesclam, gerando problemas que exigem soluções não convencionais ou desconhecidas e, portanto, devem ser abordadas de maneira não automatizada.

Talvez estejamos na hora de rever conceitos conservadores, questionar o padrão de métodos de gestão que nos acompanham desde o tempo em que trabalhar significava estar fisicamente presente ou exercer alguma atividade cujo desempenho pudesse ser medido pelo tempo de execução. Talvez estejamos na hora de mudar a maneira de pensar, para que possamos transformar nosso grande potencial criativo em benefícios para toda a sociedade.

Esta edição conta com apenas três artigos. Mais uma vez, o trabalho do comitê científico mostra o rigor necessário em suas avaliações, motivado pelo objetivo de contribuir com a qualidade dos artigos e consequentemente da revista.

O primeiro artigo seleciona as quatro maiores concessionárias de distribuição de energia do Brasil e faz uma análise qualitativa do binômio modicidade tarifária e equilíbrio econômico-financeiro, concluindo que as tarifas estão mais justas ao consumidor e a remuneração dos investimentos das empresas está adequada. O segundo artigo traz à tona a questão do uso de combustíveis fósseis e sua gradual substituição por combustíveis que exerçam menor impacto sobre aspectos relacionados ao meio ambiente. O trabalho explora o hidrogênio como vetor energético e a célula a combustível como sistema de conversão e o impacto de seu uso sobre a sociedade. O terceiro aborda o programa de P&D da ANEEL em sua nova metodologia, que atribui à responsabilidade de avaliar o mérito científico dos projetos às próprias concessionárias proponentes. Como ação para mitigar os riscos inerentes a esse novo modelo, o artigo explora a prática da formação de grupos de auxílio no processo de avaliação e seleção de projetos de P&D, por meio do estabelecimento de um grupo responsável pelo aspecto estratégico e outro grupo responsável pelo aspecto científico.

O conselho editorial da Espaço Energia agradece ao constante apoio de seus leitores e espera que esta edição lhes seja de grande valor.